

BETAR & ARTES & LETRAS

Natal 2011

*Aproveite a época natalícia
e passe tempo com os seus filhos.
Vá ao teatro ou a uma exposição*



Betar

ENTREVISTA
ARQ.
FALCÃO
DE CAMPOS

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Caros leitores,

Com o natal chegam as férias das crianças, a lista de presentes, o corropio das compras, o frio...

De repente, temos de pensar no que oferecer aos familiares e amigos, como ocupar os miúdos, o que fazer nos poucos tempos livres que restam, de preferência em lugares aconchegados...

Pois bem, a Artes&Letras poupa-os a grandes esforços mentais e sugere peças de teatro e exposições onde levar os mais novos, livros ou bilhetes de concertos para dar de prenda de natal, e muitas formas de ocupar os dias de lazer. E com a vantagem de serem propostas que nos enriquecem culturalmente.

Na música e na dança, não faltam opções. Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes estão novamente juntos em palco e Clara Andermatt apresenta um novo bailado.

Em cena estão as peças “Laço de Sangue” e “D. Maria, a Louca”, duas brilhantes produções encenadas por Joaquim Beneite e Maria do Céu Guerra.

Quanto às artes, o tema deste mês é a natureza. Fotografias contemporâneas do mundo natural e pinturas sobre a natureza-morta dos séculos XIX e XX são hipóteses de exposições patentes em Lisboa.

Já no Porto as propostas são diferentes. Entre outras coisas, Maria João Duarte faz um roteiro pelos cafés emblemáticos da invicta. E no estrangeiro, há Edvard Munch, Cézanne e Da Vinci.

Para os mais pequenos, sugerimos as peças “Pinóquio”, no Politeama, e “O Mundo mágico de Jack”, na Casa do Artista; ou a exposição didáctica, e em tamanho real, “O mundo dos dinossauros” e um “Micro Safari” por entre mais de cem espécies de répteis, insectos e anfíbios, bem vivos!

Por último, mas não menos importante, destaque para o arquitecto entrevistado este mês. Chama-se Falcão de Campos e falou-nos sobre o início da carreira, os concursos públicos, a faceta do ensino e as questões ambientais no contexto da arquitectura.

MARIA DO CARMO VIEIRA

EDITORIAL

“O arquitecto é, por excelência, um não especialista, tem uma visão global, coordena vários saberes, tanto desenha um puxador como é capaz de planear partes de uma cidade.”

O Arq. **Falcão de Campos** falou à Artes&Letras.

Por Cátia Teixeira



Bar À Margem em Belém



Bar À Margem em Belém

O seu gosto pelo desenho nasceu cedo mas a descoberta da arquitectura só aconteceu depois de terminar o curso. O Arq. Álvaro Siza Vieira foi o principal culpado?

De alguma forma sim. É uma grande referência para mim, sobretudo por tê-lo descoberto a partir de fora, quando estava na Suíça. Foi aí que percebi que, muitas vezes, temos a excelência ao nosso lado e nem damos conta. Desde então não tenho parado de admirar o seu trabalho. O Arq. Siza Vieira é uma referência da arquitectura nacional. E acho que, aos poucos, a população portuguesa vai aprendendo a dar valor ao que é nosso. Grandes arquitectos têm tido notoriedade e, através de vários prémios, tornaram a arquitectura mais visível. Por outro lado, é perigoso o facto de a arquitectura, hoje, ser entendida como uma performance porque é muito mais do que isso. A mim interessa-me a componente global da arquitectura, não só o estrelato e os prémios. É um trabalho muito sério e, muitas vezes, não visível. É muito bom ir buscar arquitectos conceituados ao estrangeiro, pela qualidade e

mais valias que trazem à nossa arquitectura, mas isso tem de ser bem gerido, não se pode desperdiçar o que temos cá, como tem acontecido nestes últimos anos.

O que é que o fascina mais na sua profissão?

O arquitecto é, por excelência, um não especialista, tem uma visão global, um posicionamento generalista, coordena vários saberes. Essa faceta atrai-me. Não sou propriamente um especialista em qualquer coisa, tanto desenho um puxador como sou capaz de planear partes de uma cidade. É uma profissão muito abrangente e é isso que mais me interessa, a diferença de escalas da nossa intervenção na sociedade. É muito gratificante mexer com muitas profissões, trabalhar com engenheiros, sociólogos, geógrafos, paisagistas... Não estamos limitados a uma especificidade. Isso fascina-me. Não é um trabalho solitário. Fazer arquitectura é partilhar, não só com os arquitectos que colaboram connosco, como também com os próprios clientes. Gosto de projectar a partir do diálogo. Há pessoas que

trabalham comigo quase há 20 anos, partilhámos um gosto comum, falamos todos a mesma linguagem, é quase como respirar. Há um respeito mútuo e evoluímos em conjunto. Neste momento, aqui, sou o mais velho, mas o meu posicionamento com os arquitectos Siza e Byrne foi sempre este. Tentei, e tento, absorver e contribuir como sei e posso. Não distingo muito a figura do arquitecto sénior ou do arquitecto estrela. Não me interessa o protagonismo.

Porque é que não gosta de concursos?

Não gosto de concursos porque não há nenhuma profissão que ofereça o seu trabalho. É impensável. Qualquer trabalho merece uma remuneração. É uma questão de princípios. Pôr a arquitectura a concurso, nestes moldes, não faz qualquer sentido, é um trabalho escravo. Devia ser pago, nem que fosse um valor simbólico, caso contrário é uma espécie de festival da canção. Todos os formatos de encomenda são possíveis, da encomenda directa ao concurso público, mas os concurre



ENTREVISTA

os deviam ser dignificados. Deviam ser uma coisa quase curricular ou, pelo menos, muito ligeira, que envolvesse trabalhos mínimos, e mesmo assim, deviam ser remunerado de alguma forma, nem que tivessem apenas um prémio de participação. Nos concursos, os arquitectos não são pagos pelo que fazem. Se calhar fomos nós que não soubemos mostrar à sociedade que fazer um projecto não é fazer um boneco. Atrás do tal boneco estão muitas horas de trabalho, aliás, anos. Um boneco do arquitecto Siza tem muitos anos de trabalho por trás. Não se lhe pode pedir que faça um boneco, porque para chegar àquela genialidade ele teve 50 anos de profissão. Se não se faz isto a um advogado ou a um médico porque é que se faz a um arquitecto?

É um arquitecto preocupado com as questões ambientais. O que é que mudou na sua arquitectura quando estes temas passaram a estar na moda?

Eu não ligo muito às modas. Sou sensível a elas, gosto de aprender com elas, retirar o que de positivo elas nos trazem, mas sem ser fundamentalista na sua aplicação. Não sou radical, tento adaptar tudo às circunstâncias, e aí entram outras premissas como os custos, o funcionamento, a manutenção... As modas têm custos e muitas vezes revelam-se desajustadas. Eu sou um entusiasta mas sou conservador porque sou ponderado e moderado na aplicação das mesmas. Faço um esforço no sentido de aplicar as melhores práticas mas sempre com bom senso.

Tem tiques de arquitecto contemporâneo?

Não. Não tenho tiques nenhuns. Treinei-me para não ter caprichos. O gesto pelo gesto não me interessa. O gesto vai-se trabalhando e vai-se revelando, não gosto do gesto à priori,



Habitação em Castro Marim

prefiro o processo do que ter uma receita feita de antemão. Não me interessa, de todo. As circunstâncias de cada projecto levam a respostas necessariamente diferentes, o que não quer dizer que o património colectivo que temos, aqui no atelier, não se materialize de projecto para projecto, é impensável reinventar tudo de cada vez, mas cada caso é um caso e gosto de trabalhar assim.

Gosta de ensinar? Sente que está a passar um testemunho à nova geração?

Gosto. Não é propriamente uma vocação, mas convidaram-me para dar aulas, há sete anos, e sinto uma responsabilidade, nem que seja para não acontecer aos meus alunos o que me aconteceu a mim, que foi descobrir a arquitectura já depois de ter o curso terminado. É, de alguma maneira, outra forma de contribuir para a arquitectura. Partilho com os mais novos, com os futuros arquitectos, o gosto que temos, aqui no atelier, pela arquitectura, as nossas referências e experiências. Tento encaminhá-los e alertá-los para o bom e o mau da profissão. É importante que as pessoas percebam o que as espera. Se gostam, vale a pena porque é uma profissão fabulosa, muito gratificante.

CINEMA

Na maioria dos casos, ontem e hoje estão interligados. Por isso a Artes&Letras sugere uma estreia e um clássico. Siga o presente sem esquecer o passado, pela voz de José Mendonça.

NO GRANDE ECRÃ

Sangue do Meu Sangue O filme português mais visto



De: João Canijo
Com: Beatriz Batarda, Rita Blanco, Nuno Lopes
Género: Drama
Classificação: M/16
Portugal, 2011, 145min
Sala: UCI - El Corte Inglés

Este filme fez-me pensar em como a qualidade do cinema e do futebol têm evoluído a um ritmo semelhante no nosso país. No final dos anos 40, o futebol português vivia tempos difíceis. O cinema pouco mais tinha que Vasco Santana e António Silva. No início da década de 60, tanto o futebol como o cinema melhoraram muito. Tempo de Manoel de Oliveira, com Aniki-Bobó, e de Fonseca e Costa, Ernesto Sousa e António Pedro Vasconcelos. Não vou, por falta de interesse e de génio, estudar esta coincidência. Vamos antes ao filme. Sangue do meu sangue foi, para mim, uma magnífica surpresa. Nunca tinha visto nada de João Canijo e Rita Blanco só conhecia das novelas. Já Beatriz Batarda é um talento consagrado. O início do filme apresenta-nos uma família do Bairro Padre Cruz, em Lisboa, sobre a qual se desenvolve a acção. Assistimos, depois, a dramas entre mãe e filho, e tia e sobrinho, desenvolvidos num realismo punjente.

PARA REVER

A Bela de Dia O erotismo casto de Buñuel



Título original: Belle de Jour
De: Luís Buñuel
Com: Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Pierre Clémenti
Género: Drama
Classificação: M/16
França/Itália, 1967, 101min

Luís Buñuel descreveu este filme como “pornográfico”. De facto, é, provavelmente, um dos filmes mais eróticos dos anos 60. A Bela de dia é uma película sublimemente fetichista, onde Buñuel se preocupa com os véus que cobrem a nudez de Catherine Deneuve e com o seu polido look feminino. E embora a obra gire à volta de um bordel de luxo, nunca se mostra sexo. As perversões são apenas sugeridas, por detrás das portas, desafiando a imaginação do espectador. Deneuve interpreta uma esposa burguesa que é frígida com o seu marido (Jean Sorel) mas que assume, em paralelo, uma vida de prostituta, onde pode explorar as suas fantasias sexuais. A simplicidade do seu esquema é posta em causa quando um ordinário gangster (Pierre Clémenti) a conquista e se intromete na sua vida respeitável. Este filme pode parecer uma fantasia masculina mas é, na verdade, um dos mais misteriosos, poéticos e complexos filmes realizados.

O Natal é das crianças, por isso, a Artes&Letras apresenta sugestões para levar a cultura aos mais novos.



Politeama

Pinóquio

Até 27 de Maio

A história da marioneta sem fios que, quando mentia, crescia-lhe o nariz, está em cena, pela mão de La Féria, num musical que articula a música, o teatro, o bailado e o vídeo. O boneco que, há mais de dois séculos, encanta gerações de crianças e adultos, o carpinteiro Gepeto, o Grilo Falante, a Fada e todos as outras personagens sobem ao palco para nos conduzirem ao mundo da fantasia. Pinóquio é uma maravilhosa prenda de Natal!

Teatro Tivoli

Canela, Ovos e Verdade

Até 29 de Janeiro

A aventura começa no início da Primavera, quando os primeiros raios de sol tiram os animais das suas tocas e lembram que o Verão está perto. Todos os anos, no Bosque das 4 Estações, o dia de solstício de Verão é celebrado com um grande piquenique. Entre receitas, farinha e muita música, os habitantes organizam o grande dia e Xavier luta pelo amor da esquila Ema e por vencer o medo das alturas. Encantador!



Casa do Artista

O Mundo Mágico de Jack

Até Junho

O Teatro Infantil de Lisboa faz 35 anos. Para o celebrar, escolheu o conto A História de Jack e o Pé de Feijão. Numa versão original e divertida de Fernando Gomes, com música inédita de Quim Tó, o TIL apresenta-nos Jack, que nasceu, há muitos e muitos anos, num dia de trovoada!... Este é um conto que faz parte do Plano Nacional de Leitura e que é recomendado para os alunos do 1º ano de escolaridade.

Uma peça de teatro infantil ou uma exposição interactiva são boas propostas.



Cordoaria Nacional

O mundo dos dinossauros

Até 1 de Janeiro

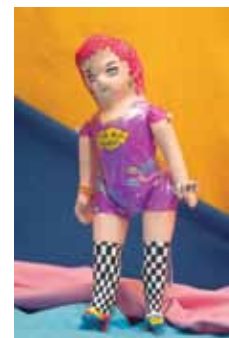
Por entre florestas e desertos, o público vai poder descobrir os rápidos Velociraptors, o assustador T-Rex ou o simpático Braquiossauro. Uma exposição didáctica que mostra as várias espécies de dinossauros, feitas à escala real, nos ambientes onde viveram. A experiência é bem animada, uma vez que os répteis do Parque Jurássico reagem à nossa presença com movimentos e som. Vamos conhecer o Mundo dos Dinossauros!

Museu do Combatente no Forte do Bom Sucesso

Micro Safari

Até 30 de Dezembro

Cobras, baratas gigantes, salamandras, tarântulas e mais de dez géneros diferentes de formigas são alguns dos animais que podemos ver, ao vivo e a cores, no Micro-Safari, a maior exposição de animais vivos realizada em Portugal. A mostra reúne mais de 100 espécies, algumas raras e exóticas, de répteis, anfíbios, insectos, aracnídeos, gastrópodes e crustáceos, provenientes dos cinco continentes.



Museu do Brinquedo de Sintra

Miss Lupita

Até Janeiro

Este mês, o Museu do Brinquedo é o anfitrião de mais uma exposição do projeto Miss Lupita, da artista plástica mexicana Carolina Esparragoza. Uma colecção de bonecas, que remete à memória das gerações mexicanas da década de vinte, que usavam materiais como a madeira, a lata e o cartão para fazer brinquedos. A reinvenção destas bonecas, quase um século depois, é um tributo ao brinquedo popular mexicano.

No mês de Natal, as propostas musicais são imensas. Conheça a nossa selecção, da vertente clássica à contemporânea, e faça a sua escolha.



Só nós 3... Mais canções

Dia 28, às 21h30, no Casino Lisboa

CONCERTO

Só Nós 3 está de regresso com... Mais canções! Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes inundam o Auditório dos Oceanos com os seus mais marcantes temas de carreira. Criado em 1989, Só nós 3 reuniu três grandes amigos e homenageou grandes cantores, compositores e autores da música ligeira portuguesa dos anos 50, 60 e 70. Este ano, o projecto regressou aos palcos com grande êxito.



Bryan Adams

Dia 15, às 21h, no Pavilhão Atlântico

CONCERTO

Bryan Adams regressa a Portugal para um único e memorável concerto em que irá percorrer a interminável lista de sucessos com canções como Cuts Like A Knife, Summer of '69, Kids Wanna Rock, Can't Stop This Thing We've Started, (Everything I Do) I Do It For You, Heaven e Run To You, entre muitas outras. Esta é mais uma fantástica oportunidade para ver ao vivo a lendária estrela do Rock.



Genesis Unplugged by Ray Wilson

Dia 11, às 21h, no Teatro do Bairro

CONCERTO

Ray Wilson, o último vocalista dos lendários Genesis, vem a Portugal para recordar os melhores momentos, em formato acústico, da banda que o tornou conhecido. Oportunidade única para os admiradores de um dos nomes mais marcantes do século XX reviverem clássicos como Follow You, Follow Me, No Son of Mine ou Carpet Crawlers.



The Gift

Dia 31, às 22h30, no Casino Lisboa

CONCERTO

Formados em 1994, os The Gift tornaram-se uma banda de referência no panorama musical português. A carreira do grupo tem sido uma sucessiva escalada de reconhecimento, recheada de digressões esgotadas e singles inesquecíveis. Em 2011, os The Gift lançaram o seu último trabalho Explode através da internet, deixando que o utilizador escolhesse quanto queria pagar pelo registo.



Concertos em Dezembro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Grandes intérpretes na Gulbenkian: Angelika Kirchschrager (m.s.) (dias 1 e 2), Patrícia Petibon (s.) e a Venice Baroque Orchestra (dia 3), Jean-Yves Thibaudet (pn.) e o Ensemble Orchestral de Paris (dia 5), Nicholas Angelich (pn.) (dia 6), Steven Isserlis (vlc.) (dias 8 e 9) e Hélène Grimaud (pn.) (dia 17) – é a “nata” (quase tão bons como os pastéis de Belém que também são os melhores do mundo).

Além dos concertos com estes intérpretes de excepção chamo a atenção para os concertos corais sinfónicos da época natalícia:

21/12, às 19h, e 22/12, às 21h, no Grande Auditório: “Gloria” de F. Poulenc e a “Missa de Gloria” de G. Puccini; solistas, coro e orquestra Gulbenkian e direcção de M. Corboz.

31/12, às 17h, na Igreja de S. Roque: “Cantata de Ano Novo” de J.S. Bach e “Te Deum (1769) de João Sousa Carvalho (uma das obras-primas da música portuguesa); solistas, coro Gulbenkian, Ensemble Divino Sospino, dir. Jorge Matta.

E não posso deixar de referir a transmissão do MET de New-York da ópera “Fausto” de Charles Gounod com os grandes intérpretes Jonas Kaufman (t.) e Angela Gheorghiu (s.). Pode ser assistida em directo no Grande Auditório, no dia 10, pelas 18h.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

7/12, às 21h, no Grande Auditório: Orquestra Metropolitana; dir. Michael Zilm. A “9ª Sinfonia de Gustav Mahler (última completa).

15/12, às 21h, no Grande Auditório: O pianista Joaquín Achúcarro interpreta Bach-Busoni, Chopin, Debussy e Albeniz.

18/12, às 17h, no Grande Auditório: Ensemble Divino Sospino; grupo vocal Oficium; dir. En-



Angelika Kirchschrager

rico Onofri. A “Cantata de Natal” (que é um conjunto de cantatas) de J.S. Bach.

TEATRO SÃO CARLOS

13/12, 20/12 e 22/12, às 20h, e 10/12, 11/12, 17/12 e 18/12, às 16h: “O gato da botas” (segundo Perrault), ópera para jovens (e não só) do compositor catalão Xavier Montsalvatge (1912-2002). Produção do Teatro Real de Madrid.

TEATRO

Já se imaginou a viver no período do apartheid ou no tempo dos reis? Viva-o a partir de fora. Vá ao teatro, onde viajamos até outra época sem deixar o conforto de uma sala



Laços de Sangue

Esta peça põe em cena dois irmãos que, partilhando a mesma mãe, negra, tiveram como pais um negro e um branco, circunstância que os fez nascer com diferentes tons de pele. Athol Fugard explora esta característica para traçar percursos distintos às personagens que, numa sociedade fortemente espartilhada pelo apartheid, como era a sul-africana naquela época, as levará justamente ao conflito e a uma fortuna totalmente distinta: o rapaz branco suplanta o irmão no trabalho, no amor e na integração social. O dramaturgo sul-africano costumava apresentar-se exclusivamente diante de plateias negras, nos guetos das cidades industriais brancas. Na peça, o autor não formula julgamentos sobre grupos, nem aborda apenas problemas de etnia, mas combate, sem compromissos, a discriminação racial.

Laços de Sangue

Local: Teatro de Almada

Preço: €12

Data: De 16 a 18 Dezembro

Encenação: Joaquim Benite

Interpretação: Mário Spencer e Rogério Boane



D. Maria, a Louca

A corte portuguesa parte, em 1807 para o Brasil. São 15000 almas embarcadas para defender a coroa e o corpo da Invasão Francesa. Quando chegam à Baía de Guanabara, o príncipe regente não autoriza o desembarque imediato de sua mãe, a rainha louca. Durante dois dias, D. Maria é uma rainha fechada no mar e passa em revista o casamento, a morte do filho, e tudo o que foi a sua acção pública e privada, assustada com a chegada à terra que viu morrer Tiradentes, o único homem sobre o qual ela usou o direito de mandar matar. D. Maria está louca mas é dona de uma loucura que a protagonista define de forma magistral: “a loucura não é uma porta que se nos fecha mas muitas janelas que se nos abrem, só que todas ao mesmo tempo”. A filha de D. José foi a primeira mulher que ocupou o trono. Uma rainha num reino de homens.

D. Maria, a Louca

Local: A Barraca

Preço: €12,50; Menores 25 e Maiores 65 - €10

Data: Até 31 de Dezembro

Encenação: Maria do Céu Guerra

Interpretação: Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes

ARTES

A natureza sempre inspirou os artistas, os contemporâneos e os dos séculos passados. A prová-lo estão estas mostras de fotografias actuais e pinturas do séc XIX

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL

Fotógrafos da Natureza

Até 30 de Dezembro

Se gosta da natureza não pode perder esta mostra de fotografia. Desde paisagens arrebatadoras a retratos íntimos do comportamento animal, esta exposição oferece uma perspectiva ímpar da beleza, drama e diversidade do mundo natural. Propriedade do Museu de História Natural de Londres e da revista BBC Wildlife, a exposição sublinha a conservação da vida selvagem e inspira o amor pela natureza. Todos os anos, o museu inglês recebe milhares de inscrições para este concurso de fotografia. Após a avaliação, por parte de um painel de especialistas, das imagens apresentadas, as vencedoras passam a integrar a exposição do museu que depois circula pelo mundo. Por todo o planeta, fotógrafos da natureza, tanto profissionais como amadores, ambicionam vencer este concurso. A fotografia perfeita depende da competência técnica, da criatividade, da paciência e da paixão.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A perspectiva das coisas. A natureza morta na europa

Até 8 de Janeiro

A natureza-morta foi, no final do século XIX, um tema que interessou muito aos pintores Realistas, Impressionistas e Pós-Impressionistas. Cézanne, Van Gogh e Gauguin, que estarão representados nesta exposição, são alguns exemplos de artistas que utilizaram este género pictórico. Mas, o tema da natureza-morta foi para além das recriações impressionistas, transformando-se em veículo de experimentação radical nas mãos de Picasso, Braque e Matisse, também eles presentes na mostra de Lisboa. Assim, a exposição, que dá continuidade à que foi apresentada, sob o mesmo tema, em 2010, dedica-se à modernidade do século XIX e às alterações fundamentais ocorridas na arte, na primeira metade do século XX. Como peça chave deste contexto, estará a Natureza-Morta de Claude Monet, que faz parte do acervo do Museu Calouste Gulbenkian.

LÁFORA

Se tem a possibilidade de ir até ao estrangeiro nas férias de natal, não deixe de ir ver uma exposição de arte. A Artes&Letras encontrou boas mostras em Paris e Londres



Centro Georges Pompidou, Paris

Edvard Munch: O olho moderno

Até 9 de Janeiro

O pintor pré-expressionista, Edvard Munch, foi muitas vezes visto como uma alma atormentada, presa à ansiedade violenta e à depressão. Esta exposição, dividida em nove temas, pretende apresentar ao público um outro lado do artista. Através de 140 obras, entre pinturas e fotografias, desvenda-se a imagem de um homem aberto aos debates estéticos do seu tempo. Entre as obras divulgadas há peças raramente exibidas ao público que provam que Munch estabelecia diálogos constantes com o cinema e o teatro e que era, inequivocamente, um artista moderno.

Museu do Luxemburgo, Paris

Cézanne e Paris

Até 26 de Fevereiro

Em 1890, com as suas obras a serem reconhecidas em Paris, Cézanne imprimiu a sua marca na arte moderna. Daí até ser reconhecido como um precursor foi um pequeno salto. De resto, nas palavras de Picasso, foi até “o pai de todos [os artistas]”. Organizada em colaboração com o Petit Palais e o Museu de Belas Artes de Paris, e com um excepcional empréstimo do Museu d’Orsay, a exposição reúne 80 grandes obras provenientes de todo o mundo.



National Gallery, Londres

Leonardo da Vinci: Pintor na Corte de Milão

Até 5 de Fevereiro

Esta é a mais rara e completa exposição sobre Leonardo da Vinci alguma vez realizada. A mostra de Londres reúne um sensacional conjunto de obras, nunca antes juntas em nenhuma sala do mundo. Centrada nas suas técnicas como pintor, a exposição foca o trabalho produzido na corte do duque Lodovico Sforza, em Milão, entre 1480 e 1490. A obra de Da Vinci pretendia apresentar ideais de beleza, transmitir um sentimento de mistério e convencer o público da realidade do que viam.

PORTO

Dezembro é Natal e é tempo incerto... É altura de ir a exposições e visitar cafés. Veja o que propõe Maria João Duarte, para o Porto, claro!

Música

CULTURGEST: grupo português “B Fachada” (6 e 7). **CASA DA MÚSICA:** Viviane (8); “Natal de norte a sul” do californiano Conrad Susa (18 às 12h); “Nos Passos de Bach I e II” (20 e 21). **METALPOINT:** Web+Crushing Sun+Buried Alive (10). **COLISEU:** “Carmina Burana Orff”, Orquestra e Coro da Filarmónica da Moldávia (12); “O Vôo do Moscardo” de Rimsky-Korsakov (31); Concerto de Ano Novo: Mozart & Strauss (4 jan); “Alabama Gospel Choir” (28). **HARD CLUB:** Dealema+Nach (10), Gorgoroth+Vader+Valkyrja (13), Djubana (27).

Exposições

MUSEU DE SERRALVES: “Thomas Struth, fotografias 1978-2010” (até 29 jan); “Charlotte Moth e !Von Calhau!”: projeto anual de residências artísticas, com a inglesa C.Moth e a dupla portuguesa Marta Baptista e João Alves (até 22); “Eduardo Batarda”, pinturas antigas e recentes (até mar); “Da página para o espaço: esculturas de papel publicadas” (até fev) **CASA ANDRESEN, JARDIM BOTÂNICO DO PORTO:** fotografia de Harold Edgerton “Fragmentos de tempo”, fotografias de alta velocidade de sequências de movimento normalmente imperceptíveis ao olho humano (até 8 jan). **EDIFÍCIO DA CADEIA DA RELAÇÃO:** “Marín, fotografias 1908-1940”, Luis Ramón Marín uma das figuras mais marcantes da fotografia e fotojornalismo espanhóis ilustra grandes momentos do início do séc. XXI, em Espanha (até 18). **MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS:** “Memórias do tempo e do património construído”, fotografias de Ant. Menéres (até 31). **SERPENTE-GALERIA**

DE ARTE CONTEMPORÂNEA: “Pinturas (ultra)passadas” de Rita Melo (até 22). **MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA JORNALIS E ARTES GRÁFICAS:** “Porto cartoon 2011, comunicação e tecnologias” (até 31). **FUNDAÇÃO JÚLIO RESENDE:** “Cadernos de viagens – Paris”.

À Descoberta do Porto

No piso térreo do antigo Palácio das Cardosas, recuperado para dar lugar ao hotel de luxo Inter Continental, em plena baixa do Porto, com fachadas viradas para a Av. Dos Aliados e Estação de São Bento, encontra-se o centenário e emblemático **CAFÉ ASTÓRIA** que foi totalmente recuperado, da coluna central aos candeeiros, passando pelas mesas e cadeiras de madeira. O **CAFÉ MAJESTIC**, na R. St. Catarina 112, de atmosfera Belle Epoque, foi distinguido, pelo site Ucityguides, como o 6.º café mais bonito do mundo. O **CASA DA BAIXA**, situado num edifício antigo reabilitado na R. St. Teresa 4, tem design moderno integrando alguns elementos recuperados. Nos pisos superiores, uma guest-house com um studio e um duplex, destina-se a curtas estadias na cidade. Onde outrora existia uma conhecida livraria da baixa do Porto, na R. Galeria de Paris 85, está agora a **CASA DO LIVRO** onde coabitam a música, os livros, a Vénus de Botticelli e a comida ligeira.

E Ainda...

COLISEU: “Exército Russo de S. Petersburgo” (29). **RIVOLI:** musical “A Ilha do Tesouro” (11 a 30); “A Bruxa Mimi e o gato que teimava em ser preto” (5 a 7)

LIVROS

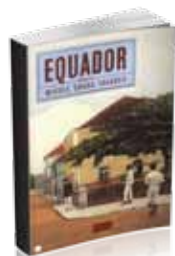
A julgar pelo número de exemplares vendidos, as duas obras que apresentamos foram autênticos fenómenos literários. Não foi por acaso... Por Cátia Teixeira



A Sombra do Vento

Carlos Ruiz Zafón
Dom Quixote, 2004

Creio que posso dizer seguramente que A Sombra do Vento é o meu livro preferido! Escrita de uma forma absolutamente cativante, a obra fala do poder dos livros. Poder esse que paira neste mesmo exemplar, que nos prende da primeira à última página. A história passa-se em Barcelona. O Sr. Sempere decide levar o filho Daniel ao Cemitério dos Livros Esquecidos, um lugar escondido onde existe uma infinidade de livros. Segundo Sempere, cada livro tem a alma de quem o escreveu e as almas dos que o leram. Daniel deambula pelo labirinto de estantes e escolhe A Sombra do Vento, de Julian Carax. Depois de o ler, o menino de onze anos decide partir em busca do desconhecido autor e ouve rumores de que há um sujeito estranho que compra todos os seus livros para os queimar... Uma obra sedutora, única, impossível de largar, um verdadeiro triunfo da arte de contar histórias.



Equador

Miguel Sousa Tavares
Oficina do Livro, 2003

Fruto de uma longa investigação histórica do jornalista Miguel Sousa Tavares, Equador é um romance fascinante que retrata um período complexo da história portuguesa, nos últimos anos da monarquia. Quando, em Dezembro de 1905, Luís Bernardo é chamado pelo rei D. Carlos, não imaginava que o esperava uma irrecusável proposta: ser governador de São Tomé e Príncipe. Um homem cheio de vícios, sem compromissos e sem objectivos, teria de trocar a sua vida despreocupada, na sociedade cosmopolita de Lisboa, por uma missão tão patriótica quanto arriscada na distante colónia portuguesa. O objectivo da missão era provar a Inglaterra que não existia escravatura nas explorações de cacau, para evitar o embargo das exportações. Forçado a perder a estabilidade, os amigos e as mulheres, Luís Bernardo muda a sua vida para sempre. Um retrato fiel da realidade, escrito de um modo absorvente.

DANÇA

Esta parece ser a época de eleição para apresentar bailados. Do ballet à dança contemporânea, conheça as nossas propostas para este mês e aprecie um bom espectáculo



Orphée

De 16 a 18, às 21h30, na Culturgest

Orfeu, personagem divina que, com a sua lira, encantava animais selvagens e seres inanimados, afrontou os infernos em busca da sua amada Eurídice. Com esta criação, a dupla Montalvo-Hervieu convida-nos a um mergulho extravagante nas profundezas deste mito. A meio caminho entre a ópera e a comédia musical, misturando hip-hop, dança africana, canto e dança sobre andas, esta versão contemporânea irá encantar.



A Bela Adormecida

Dia 19, às 21h, no Teatro Tivoli

A Bela Adormecida, baseado no conto de Charles Perrault, bem ao estilo francês do sec. XVIII, é um dos bailados que maior interesse desperta junto do público. A relação da música de Tchaikovsky com a coreografia de Petipa é de tal forma perfeita que seria difícil imaginar outra leitura da partitura. Uma simbiose genial que fez com que esta peça fosse considerada a obra emblemática da dança clássica.



Companhia Maior

Dias 8, 9 e 10, às 21h, e 11, às 16h, no CCB

Neste espectáculo, composto por artistas com mais de 60 anos, Clara Andermatt faz uma abordagem distinta daquela que tem vindo a explorar. Desta vez, pretende retirar a tónica da idade dos intérpretes sem desperdiçar as características que são indissociáveis das biografias destes indivíduos: a experiência, a sabedoria, a vulnerabilidade, o respeito, a realidade de quem nasceu na primeira metade do século XX.



Cambio de Tercio

De 1 a 11, Seg a Sab às 21h30, Dom às 17h, no Casino Lisboa

O Nuevo Ballet Español regressa a Portugal. Com coreografia de Ángel Rojas e Carlos Rodríguez, a peça apresenta cantiñas, sevillanas, fandango, rumba, bambas, bulerías, tanguillos e seguidillas. Estruturado em três partes, é composto por solos, duetos e ensembles em que o estilo clássico espanhol e o flamenco tradicional se revestem de modernidade sem perder a essencialidade das suas raízes.

Se não sabe o que oferecer àquele amigo, Maria do Carmo Vieira apresenta uma sugestão. Um livro de um autor português é sempre um bom presente de natal

Um livro da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Contos de Miguel Torga

Foi há cerca de 6 anos que me foi oferecida a colectânea dos contos de Miguel Torga. A acompanhar o livro vinha um cartão que, entre outras palavras, dizia: "Em vez de um livro dos tempos de hoje, um livro de um autor, Miguel Torga, que, quando tinha a tua idade, era um dos que me ia formando humanamente...". Iniciei a leitura do livro e, há medida que fui folheando as páginas, passando de conto para conto, tornou-se óbvio o sentido das palavras que me foram transmitidas por alguém que muito estimo, e que também contribuiu para a minha própria formação humana.

Madalena, a gravidez escondida das bocas do mundo e daquele "que lhe fizera o serviço". Um parto solitário, doloroso, em pleno Agosto, no meio de um planalto da serra do Marão. O seu único desejo era terminar com aquele tormento e saciar uma sede agonizante que a desesperava mas, água, "só a que lhe inundou de repente as partes, e lhe escorria pelas coxas abaixo". O segredo que guardou para si durante nove meses ficou sepultado e pôde, por fim, regressar à aldeia, para "matar a sede".

Maria Lionça, a quem o destino reservara ser "a expressão humana de um sofrimento levado aos confins do possível", foi sepultada perante o silêncio respeitoso de toda a povoação da aldeia. Personificava a riqueza de toda uma existência em prol dos outros, privada das alegrias que nunca experimentou, sua vida transformada numa via-sacra na loja do correio, "numa esperança continuamente renovada e desiludida". Tudo se iniciou com a partida cobarde do marido para o Brasil, logo após o nascimento do filho, regressado à terra apenas para lá morrer. Sem a coragem de sua mãe, o filho não resistiu ao desencanto do encontro com o pai, e partiu. Tornou-se marinheiro e voltou à terra, nos braços de sua mãe, que, sozinha, o foi buscar ao hospital e o trouxe embrulhado numa manta, já a arrefecer, numa carruagem de um comboio, para o sepultar, naquela terra que seria o seu "regraço eterno".

"Música" transporta-nos para o mundo de Lopes, o tímido e ardente organista da igreja, que um dia se apaixonou, e que, por esse amor silenciosamente correspondido, mas impossível de concretizar, se matou, exactamente no mesmo dia em que teria de tocar no casamento da amada.

Vivências de outros tempos, sentimentos e emoções profundas, lugares perdidos no seio de montanhas e desterrados do mundo que hoje conhecemos como global. Miguel Torga, numa linguagem belíssima, soube retratar o nosso país, na sua paisagem, gente e costumes.



Um compositor da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



Lopes Graça (1906-1995)

A 17 de Dezembro comemoram-se os 105 anos de Fernando Lopes Graça, um dos maiores compositores portugueses do Sec XX.. O meu conhecimento da sua obra começou em 1953, no Pavilhão dos Desportos (cheio), num concerto organizado pela C.M.L., com a primeira audição do "2º Concerto para Piano e Orquestra". Considero-o, ainda hoje, uma das suas obras mais relevantes.

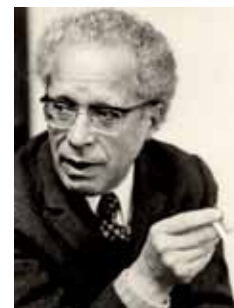
Dai até 1994, ano da morte de Lopes Graça, assisti a muitos outros concertos em que se apresentaram obras suas. Em alguns deles primeiras audições: o Quinteto "Canto de Amor e Morte" com Jorge Peixinho ao piano; o "Concertino para piano, cordas, metais e percussão" com Helena Sá e Costa, ou as "Quatro Canções de Garcia Lorca" com Hugo Casais e o Autor a dirigir o Conjunto Instrumental. Do "Concerto com Violoncelo obrigado", assisti à primeira audição em Portugal, no Cinema Tivoli, (a estreia mundial foi em Moscovo) com o seu dedicatário, um dos maiores violoncelistas do sec. XX – Mstislav Rostropovitch. Inesquecível!

Estas obras conjuntamente com a "Sinfonia para Orquestra", o "1º Concerto para Piano e Orquestra", as cantatas "História Trágico Marítima (sobre poemas de Miguel Torga)", "D. Duardos e Flérida" (com texto de Gil Vicente) e o "Requiem para as vítimas do Fascismo", são, na música de câmara ou sinfónica, as suas obras cimeiras.

Lopes Graça, além de compositor, era um bom pianista. Aluno de Vianna da Motta. Sempre interpretou com muita qualidade a sua própria obra (e não só), dela destaco: as 6 "Sonatas para piano solo", as "Oito Suites à memória de Bela Bartok", os "24 Prelúdios" e "Paris, 1937" (esta última para dois pianos).

Foi o compositor português que mais produziu no campo da canção clássica usando, como matéria prima, "toda" a poesia portuguesa desde as Cantigas de Amigo a Sophia de Mello Breyner (1). Das muitas dezenas das suas obras vocais escolheria três: "O menino de sua mãe" de Fernando Pessoa, as "Trovas" sobre textos populares e o ciclo "As mãos e os frutos" de Eugénio de Andrade.

Falta falar da sua música Coral, na qual, o cerne, são as centenas de canções populares portuguesas (mais de 250) que harmonizou para Coro masculino, feminino ou misto, sem acompanhamento. É um imenso património que fica para todo o sempre como documento histórico do povo rural que fomos. Aí se refletem as suas alegrias, tristezas, labores e medos.



(1) Eis alguns poetas portugueses de que musicou os seus versos: Antero de Quental, Fernando Pessoa, José Régio, Camões, Gomes Ferreira, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoais, António Nobre, Eugénio de Castro, Carlos Oliveira, Almeida Garret, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio e Camilo Pessanha.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. FALCÃO DE CAMPOS
HABITAÇÃO EM ALCÁCER DO SAL